



27/09/1999

Ex.ma Senhora  
Doutora Maria de Lourdes Pintasilgo

Os meus respeitosos cumprimentos

São muitas as iniciativas promovidas por diferentes Grupos, Movimentos e Instituições da Igreja Católica no âmbito da celebração dos 2000 anos do cristianismo.

A Agência Ecclesia, porque tem uma missão a cumprir no seio da Igreja em Portugal e da comunicação social portuguesa, quer assinalar o início da celebração do Jubileu do Ano 2000 com a oferta de um conjunto de estudos sobre o título genérico "Dois mil anos que mudaram o Mundo".

Assim, é nosso objectivo:

A - Reunir três estudos sobre:

1. O Nascimento de Cristo: o princípio de uma nova civilização
2. A memória de 2000 anos do cristianismo
3. Olhares sobre os 2000 anos do cristianismo

B - Solicitar, a diferentes autores, abordagens sectoriais sobre influência do cristianismo nas diferentes áreas do saber e da vida da nossa sociedade.

**E é precisamente para a abordagem de um destes sectores que gostaríamos de contar com o seu contributo: relacionar (em duas páginas A4 ou 10 mil caracteres) desenvolvimento no futuro e cristianismo.** *Communio*

Para além de pretendermos publicar os diferentes artigos, é nosso objectivo reuni-los também numa página na internet (a página que o Secretariado Nacional das Comunicações Sociais da Igreja Católica está a criar precisamente para o Jubileu). Para isso, necessitamos de cada um dos artigos até ao dia 7 de Novembro.

Caso não tenha possibilidade de aceder ao nosso pedido, agradeço que o comunique, o mais brevemente possível, para o responsável pela produção deste projecto, o jornalista Luís Santos.

Na certeza de que contribuirá para uma melhor celebração do Jubileu, aguardo a sua colaboração, que antecipadamente agradeço.

Paulo Rocha

---

**Agência Ecclesia**  
Campo Mártires da Pátria, 43-2º  
1150-225 LISBOA  
Tel. 01 8851402 Fax 01 8852472  
E-mail [agencia@ecclesia.pt](mailto:agencia@ecclesia.pt)

*mas para "desenvolver" do futuro  
mas para apontar o caminho  
de mensuração de um futuro viável  
para todos os homens e para a  
Terra.*

11  
"O desenvolvimento no futuro não tem futuro" - *é este paradoxo que vou procurar justificar*  
Em primeiro lugar, porque a palavra desenvolvimento que percorre os programas internacionais e nacionais e que foi assimilada pelas igrejas tornou-se um conceito equivalente ao mero crescimento económico. A última década revelou sem ambiguidades que o objectivo do crescimento económico desintegrado dos objectivos sociais apenas consegue cavar cada vez mais o fosso entre pobres e ricos dentro da mesma sociedade e entre países pobres e países ricos, ao nível do planeta.  
Em segundo lugar, o desenvolvimento tal com tem vindo a ser praticado deixa de fora o elemento essencial para a sobrevivência não só dos seres humanos mas do próprio planeta. Com efeito, desenvolvimento = crescimento económico supõe:



- um apelo constante e cada vez mais sofisticado ao consumismo do inútil e do supérfluo;
- uma acumulação de detritos e de lixo resultantes desse consumo ilimitado e que tendem a transformar a Terra num vasto cemitério, destruindo assim, ao mesmo tempo, a saúde das pessoas e a beleza da natureza;
- o direito ao desenvolvimento de todos os povos tende a seguir o mesmo modelo, acarretando consequências gravíssimas para a permanência da biodiversidade, para a manutenção de um clima viável, para a segurança física dos habitantes da Terra.

Em terceiro lugar, está hoje inequivocamente demonstrado que a economia a que se tem vindo a reduzir o desenvolvimento não é uma fim mas um meio. O fim das sociedades como tem afirmado repetidamente o Prémio Nobel da Economia de 1998, Amartya Sen, é a erradicação da pobreza, a eliminação da ignorância, a instalação dos serviços necessários aos cuidados de saúde, em suma, a resposta a todos os direitos fundamentais dos seres humanos. Para conseguir estes objectivos, os instrumentos económicos são necessários mas sempre como meio. *Na verdade,* O que pode interessar a uma pessoa que não tem o mínimo para viver que os indicadores macro-económicos (inflação, emprego, equilíbrio orçamental) sejam excelentes?

Se é certo que num momento de inflexão da economia mundial foi possível à Igreja afirmar que "o desenvolvimento é o novo nome da paz", hoje há que reconhecer que, apesar dos grandes progressos globais realizados (aumento quatro vezes da riqueza mundial, aumento 40 vezes da produção industrial, aumento sete vezes do crescimento energético, etc., etc.), cresceu também a miséria que atinge hoje quase dois mil milhões de pessoas. *de reafirmar* Tendo em linha de conta as pistas profundamente humanistas da encíclica "Populorum Progressio", desejaria que a palavra "desenvolvimento" fosse *substituída* por outra noção capaz de eliminar a perversão trazida pela falácia dos indicadores económicos - *refiro-me à* "qualidade de vida de todas as pessoas". Se é certo que a dignidade humana é a base de onde partem todos os direitos da pessoa e toda a responsabilidade pelo seu próprio destino, é indispensável que essa dignidade seja ao mesmo tempo ressentida subjectivamente e traduzida objectivamente numa melhoria constante da qualidade de vida. *da satisfação dos seus direitos - e é isso q*

Ao falar de qualidade de vida, não se trata de um slogan, mas sim de um novo conceito que vem fazendo caminho na própria ciência económica, e que o Prémio Nobel já referido teve o enorme mérito de aprofundar em conjunto com a equipa dos seus colaboradores.

É certo que a vida supõe um mínimo de quantidade, por isso mesmo se trata de um critério incontornável em qualquer avaliação do progresso do "desenvolvimento" de uma sociedade. Mas a qualidade de vida está para além da quantidade. Supõe uma

*que seria então, neste momento, uma nova cultura q propõe substituindo a palavra "des." pela expressão*

*Na verdade,*  
*Hexpansão*  
*consumo*  
*de reafirmar*  
*substituída*  
*do no texto como o*  
*a qualidade de vida.*  
*Como o afirmou João Paulo II na Assembleia Geral da ONU:*  
*(p. 8)*

harmonia de satisfação de direitos a todos os níveis da pessoa e é por isso um factor decisivo do que pode ser a expressão da dignidade humana sentida como felicidade pessoal.

Nessa relação entre qualidade e quantidade, importa ter em linha de conta que não é apenas nos mínimos que a qualidade tem algo a dizer: é que há quantidades de bem-estar, de posse de bens, de lugares de prestígio que negam a qualidade e a minam do interior (basta dizer que, em qualquer hora do dia, a travessia da cidade de Londres de uma ponta a outra de automóvel é mais lenta que o mesmo caminho feito há um século numa charrette puxada a cavalos!).

Não é por acaso que falo de qualidade e de quantidade. Há vários anos, um notável político - a primeira-ministra da Noruega Gro Harlem Bruntlaen, hoje directora-geral da OMS - teve a coragem de dizer que tinha chegado o momento em que, para resolvermos os problemas da Humanidade, era preciso mudar de paradigma, substituindo a corrida desenfreada à quantidade pela conquista sistemática da qualidade.

Esta transformação - do "desenvolvimento" à "qualidade de vida" - aparece-me como uma tarefa urgente para os cristãos. Por um lado, por razões muito pragmáticas: enquanto o desenvolvimento se assimila facilmente apenas a tarefas técnicas e a projectos generosos, mas sem questionamento da sociedade e do lugar que aí têm os direitos humanos, a qualidade de vida é ineludível e imperativa. A sua medida está à vista de toda a gente, os seus critérios não são frutos de escolas de pensamento, a sua efectivação é apenas a tradução do respeito que nos merece a dignidade humana.

E aos meus ouvidos ecoa necessariamente a palavra de Cristo: "Vim para que tenhais a Vida e atenhais em abundância". A meu ver chegou a altura de os cristãos porem em prática como discípulos de Cristo este imperativo e cada um descobrir que veio a este mundo para que os outros tenham a Vida e a tenham em abundância.

Fundação Cuidar o Futuro

*...ou a significação de um doutoramento "honoris causa" (peço toda a relevância quando alguém forrei algumas vezes desse tipo de distinções!)*

